

## **Lento Caminhar – Histórias e Canções de Edésio Santos<sup>1</sup>**

Edilane Ferreira da SILVA<sup>2</sup>

Edésio César Vieira SANTOS<sup>3</sup>

Renata Cristina de Sá Barreto FREITAS<sup>4</sup>

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

### **RESUMO**

Este paper trata de um livro-reportagem sobre as histórias e canções do músico, treinador de futebol, desenhista arquitetônico e relojoeiro Edésio Santos, que, embora tenha nascido em Afrânio, Pernambuco, em 1931, viveu, por quase toda a vida, na cidade baiana Juazeiro, terra de João Gilberto, com o qual nutria forte amizade e passava madrugadas tocando violão, razão de terem-lhe atribuído o título de professor do Pai da Bossa Nova. O livro-reportagem, além de esclarecer questões como essa e de registrar histórias inusitadas – e jamais registradas – dos amigos, traça o perfil do homem negro, de origem humilde, que participou de conjuntos musicais, tocou com estrelas da época de ouro do rádio, inovou com o primeiro trio elétrico no seu município, foi classificado em festivais de música, mas faleceu sem realizar o sonho de gravar um *Compact Disc* com as suas composições.

**PALAVRAS-CHAVE:** Edésio Santos; João Gilberto; Livro-reportagem; Perfil; Música.

### **1 INTRODUÇÃO**

No extremo norte da Bahia, a 500 km de Salvador, situada à margem direita do rio São Francisco, localiza-se a cidade de Juazeiro. Interligada à pernambucana Petrolina, pela Ponte Presidente Dutra, é afamada pela efervescência cultural que marcou épocas e revelou talentos das artes, como Luiz Galvão (ex-Novos Baianos), Manuca Almeida (ganhou o Grammy Latino de melhor música brasileira em 2001), Coelhão, Mauriçola e, sobretudo, por ser berço de artistas reconhecidos internacionalmente, tais quais João Gilberto, considerado o criador da “batida” que resultou na Bossa Nova; Ivete Sangalo, tida, por muitos, como a rainha do axé; e, pela representatividade, o jogador de futebol Daniel Alves, que atua no time espanhol, Barcelona, e na seleção brasileira.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria Jornalismo, modalidade Livro-reportagem (avulso).

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e formada em Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, no ano de 2012, email: edilaneferreira@msn.com.

<sup>3</sup> Formada em Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, no ano de 2012, email: edesio\_guitar@hotmail.com.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios, email: rcsbfreitas@gmail.com.

Edésio Raimundo dos Santos, embora não seja nacional e internacionalmente conhecido como a maioria dos supracitados, foi tão significativo para a Juazeiro quanto qualquer um deles. Amigo de João Gilberto, ainda na adolescência, ficou na cidade enquanto o amigo foi investir a sua arte no Rio de Janeiro. Enquanto isso, em Juazeiro, Edésio trabalhou para sustentar duas esposas e os respectivos filhos. Foi engraxate, ajudante de pedreiro, relojoeiro e morreu como funcionário público aposentado. Jamais teve visibilidade nacional. Era um boêmio e sempre vivenciou a música sem pretensões. Tinha um jeito extremamente sereno e andava continuamente sem pressa, assim como falava. Era uma pessoa respeitada e, por muitos, admirada.

Era crítico, e não admitia desrespeito com o profissional da música. Tal qual João Gilberto, era capaz de abandonar um show caso houvesse conversas exageradas e indelicadezas. Mas nunca chegou a tocar nos Estados Unidos, como o amigo. Na verdade, só tocou nas redondezas de Juazeiro. Até recebeu um convite para tocar em Moscou, mas não foi. Morreu em 1998, aos 67 anos incompletos, vítima de um Acidente Vascular Cerebral (AVC), com a tristeza de não ter realizado a sua única audácia: gravar um disco e, com o passar dos anos, um *Compact Disc* (CD) com as suas composições.

É esse homem, com todas as suas vicissitudes, que *Lento Caminhar – Histórias e Canções de Edésio Santos* aborda. Nele, são narrados, jornalística e literariamente, histórias inusitadas referentes à vida pessoal e profissional de Edésio. Trata-se de um livro-reportagem perfil devido ao fato de não haver qualquer intenção de esgotar a sua vida numa suposta biografia. Antes, pretende-se apresentar “aspectos objetivos e subjetivos” a respeito do músico, características próprias de um perfil, segundo Vilas Boas (2003, p. 13).

## **2 OBJETIVO**

O objetivo primevo foi produzir um livro-reportagem que apresentasse uma linguagem literária, fluída, ao tempo que criteriosamente jornalística, mapeando as ações, relações – sobretudo com João Gilberto - e influências do violonista Edésio Santos no cenário musical da Juazeiro entre as décadas de 1940 e 1990, já que ele nasceu em 1931 e faleceu em 1998. Do mesmo modo, objetivamos identificar as contribuições de Edésio Santos para a música regional; investigar os antigos carnavais e os festivais de música da cidade, bem como a participação do instrumentalista nesses eventos, abordando ainda

peculiaridades da sua vida pessoal e artística, relevantes para a memória juazeirense, a ponto de serem perenizadas em um livro-reportagem do gênero perfil.

### 3 JUSTIFICATIVA

Edésio Santos foi um músico que viveu, por toda a vida, em Juazeiro e, desde 1997, dá nome ao *Festival Edésio Santos da Canção*, promulgado pela Lei Municipal de nº 1.501. Embora tenha o nome registrado no título de um significativo evento de música, pouco ou quase nada se sabe a seu respeito. O motivo, portanto, que nos levou a dedicar meses de nossas vidas à busca por indícios da trajetória de Edésio Santos deu-se, sobretudo, pela necessidade de resposta aos questionamentos: quem foi esse homem além de um mero músico que recebeu uma homenagem em um festival? Por que ele foi merecedor de tal feito?

Além disso, na memória coletiva do município, havia um mito: Edésio Santos foi professor de João Gilberto, ensinando-o a tocar violão. João, com a “batida” que fascinou músicos como Tom Jobim, criou a Bossa Nova. Ter o título de mestre de um artista como esse era um grande mérito para Edésio Santos. Obstante a isso, não havia registro algum sobre quem foi, de fato, esse professor. Não existiam informações na internet e, menos ainda, em periódicos e livros. Contrariamente, os relatos orais apresentavam uma *persona* de grande valor histórico-cultural para o lugar onde João Gilberto nasceu: Edésio Santos era um músico virtuoso, que tocou com diversas estrelas do Rádio, que se apresentavam em Juazeiro por intermédio do radialista e empresário Gil Braz; inovou carnavais, participou de conjuntos musicais de grande destaque e frequentou, assiduamente, ensaios e festivais da cidade, sempre atencioso e conselheiro no que diz respeito aos próprios concorrentes.

À parte isso, produzir um livro-reportagem com a proposta aqui apresentada, além de publicizar aspectos da vida de João Gilberto pouco ou nada conhecidos, revela uma vida “invisível” no cenário nacional, mas de potencial artístico tão significativo quanto o de João. Edésio Santos compôs diversas canções, em parceria com muitos artistas locais, mas nenhuma chegou a ser gravada. Ele sonhava em eternizar as suas composições em um CD, mas não viveu o suficiente para assistir a esse sonho. Quatro das suas tantas canções foram perenizadas em um CD organizado pela Prefeitura Municipal de Juazeiro, por meio da Secretaria de Cultura, mais especificamente pela organização do *Festival Edésio Santos da Canção*. Restam os questionamentos: Quantas pessoas têm acesso a essa mídia? De que

forma as composições estão sendo difundidas para imortalizarem Edésio Santos, como ele mesmo desejava? *Lento Caminhar* se justifica, também, no fato de imprimir as únicas composições que resistiram aos descuidos do tempo e à indiferença das pessoas.

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Para a produção do livro-reportagem em questão, dois procedimentos foram utilizados: pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas, a partir da técnica metodológica *snowball* ou “Bola de Neve”, na qual as fontes iniciais indicam novas pessoas que possam ser entrevistadas, numa sucessiva frequência, até que as informações comecem a se repetir, esgotando o surgimento de novas perguntas e respostas a respeito do tema tratado. Pautamo-nos, para tanto, nas discussões de Jorge Duarte (2006) sobre entrevista em profundidade, bem como em Cremilda Medina (1986) sobre o diálogo possível entre entrevistador e entrevistado, na construção de uma relação humanizada. Embora tivéssemos feito uso de entrevistas semiestruturadas, em nenhum momento perdemos a “emoção temperada por clareza” proposta por Medina. Dialogamos com as fontes, antes de tudo, imergindo nas suas mais profundas memórias.

Mesmo em meio às turbulências que, porventura, surgiram – e que é certo em se tratando de um trabalho denso envolvendo memórias –, houve uma construção do conhecimento, como defende Meditsch (1997), atrelando jornalismo e literatura. Foram investigadas as “memórias subterrâneas” a respeito de Edésio Santos, explicadas por Pollak (1989) como sendo aquelas não oficiais, que não são unas e irrefragáveis. *Lento Caminhar* trata de histórias da vida do músico que integravam apenas as lembranças silenciadas de pessoas que conviveram com ele. Essas memórias foram sendo reavivadas e, junto a elas, foram surgindo histórias que apresentam um Edésio Santos histórico, que muito contribuiu para o fomento da cultura na Juazeiro do século XX.

O Edésio Santos que intitula o festival de música da cidade pôde, enfim, a partir do livro-reportagem perfil aqui descrito, ser revelado, longe dos mitos que o circundaram por longas datas. As memórias, muitas vezes contraditórias, foram, antes de tudo, confrontadas com documentos históricos da época, bem como por meio das poucas, mas significativas, entrevistas encontradas, nas quais Edésio apresenta as suas experiências e deixa transparecer os seus sentimentos e posturas diante das adversidades vividas.

## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

*Lento Caminhar: Histórias e Canções de Edésio Santos* é um livro-reportagem perfil, com 200 páginas distribuídas em duas partes, ambas baseadas na letra da música *Sem Rumo, Sem Vela*, composta pelo próprio Edésio Santos e revelando muito do homem e músico que ele foi. A primeira dessas partes recebe o trecho “Vou dedilhando meu violão sem me preocupar” como título, pois aborda, nos quatro capítulos que o compõe, um Edésio Santos que vivenciou a música sem preocupações financeiras e sonhos artísticos. A única pretensão que tinha consistia em aproveitar a vida, em suas mais variadas situações.

Quanto aos capítulos, decidimos fugir da criação de títulos-manchete, que, sinteticamente, pudessem adiantar tudo o que poderia acontecer nas páginas seguintes. Preferimos deixar as titulações mais soltas, poéticas, facilmente compreendidas após a leitura de cada capítulo. O primeiro deles foi *A primeira vez do veterano*, o qual reconstrói o cenário da Juazeiro da década de 1970, a partir dos festivais de música realizados pela Associação dos Universitários de Juazeiro (AUJ). Nele, consta a letra das músicas *Você e Desencanto*.

O segundo capítulo, por sua vez, foi *Edésio, João e um violão*, no qual é mostrada uma Juazeiro entre as décadas de 1940 e 1970, com os serviços de alto-falantes e os conjuntos musicais, a exemplo do Sambossa. Revela aspectos da vida familiar de Edésio Santos e o seu trabalho como relojoeiro, além de narrar as histórias sobre ele e João Gilberto, como a amizade surgida ainda na adolescência, antes de João ir para o Rio de Janeiro, nos encontros “madrugueiros”, quando o músico visitava a sua cidade natal. Nesse capítulo, é esclarecido que Edésio Santos não ensinou João Gilberto tocar violão, e, menos ainda, o inverso. Também são narradas as histórias de Edésio e o músico Waldick Soriano, outro amigo do perfilado.

O capítulo *Carnavais e Cabarés* trata dos antigos carnavais juazeirenses nos clubes da cidade, narrando também a inovação de Edésio Santos com o primeiro trio elétrico e a criação do bloco *Cabará das Ilusões*, que remorava as antigas marchinhas. Apresenta o Edésio desenhista da Secretaria de Obras e a letra da música *Lavadeiras do Angari*, composta em parceria com o jornalista e escultor Jota Mildes e ganhadora do festival da AUJ, sendo um clássico da cultura juazeirense. *Quanto tempo é* o último capítulo. Ele narra a postura de Edésio Santos durante os ensaios dos festivais. Apresenta-o como um personagem redondo, dotado de manias e contradições. Revela o encontro entre ele e a

jornalista Sibelle Fonseca e as muitas histórias que compartilharam. Além disso, aborda o sofrimento de Edésio Santos por não conseguir gravar o almejado CD e apresenta a letra da canção *Quanto Tempo*.

A segunda parte do livro, por sua vez, intitula-se “No compasso das ondas que vão e que vêm”, cuja escolha está relacionada aos últimos anos de vida de Edésio, com as suas memórias e decepções. Tanto nas entrelinhas quanto em algumas caracterizações que fizemos, está evidente a lentidão dos passos de nosso personagem. Nessa cadência, atuou como jogador e, posteriormente, como técnico de futebol. Participou do primeiro festival de música em sua homenagem e compartilhou experiências e conhecimentos com artistas mais novos.

O primeiro capítulo dessa parte intitula-se *Feola*, que retrata o futebol juazeirense entre os anos 1950 e 1970, apresentando o fla-flu Veneza e Olaria, além do Edésio Santos sereno, porém exigente, assemelhando-se ao ex-técnico da seleção brasileira, Feola. Antes de tudo, mostra um Edésio que, mesmo apaixonado por futebol, tem a música em primeiro lugar. O capítulo *Uma noite na boate* narra o *Festival da Canção Sanfranciscana*, primeira homenagem a Edésio Santos e marco do posterior *Festival Edésio Santos da Canção*. Trata do Edésio amigo, preocupado e vislumbrado com uma noite na boate.

*Ao mestre, com carinho* mostra o Edésio Santos professor de música, com e sem intenção, e a sua relevância na vida de artistas como Nilton Freitas e Geraldo Azevedo. Apresenta a composição de Nilton Freitas, *Ao mestre, com carinho*, em homenagem a Edésio, e o Dia da Cultura, que também o homenageou meses antes da sua morte. A letra da canção *Sem rumo e sem vela* é evidenciada. O último capítulo, *O dia em que os violões silenciaram*, finda-se com a morte de Edésio Santos, depois de serem narrados os problemas de saúde do artista e os seus descuidos. Porém, sobressai-se o homem que viveu tudo que tinha para viver, sem medo e sem pressa, sentindo-se tal qual num barco, no compasso das ondas calmas de um rio, levado sem poder escolher os caminhos a serem seguidos, como cantou na música *Sem Rumo, Sem Vela*.

No decorrer da pesquisa e das entrevistas saltava, timidamente, certa característica de nosso perfilado: ele era extremamente lento no andar e falar. Também constatamos que os acontecimentos da sua vida, especialmente, os relacionados à esfera artística, transcorria naturalmente e sem precipitação. Estava decidido, portanto, o título do livro: *Lento Caminhar – Histórias e Canções de Edésio Santos*. Contribuiu de igual maneira, a música *Você*, de Edésio, cuja letra é de um alemão que viveu em Juazeiro, chamado Gotz Gerard.

A primeira estrofe da canção, que dizia “*Meu caminhar é lento / mil coisas giram em minha volta / se há ruído ou silêncio eu não sei / pois na minha vida só há você*”, soou como uma definição ímpar de Edésio Santos, mais tarde, confirmada nos diversos depoimentos de amigos, conhecidos e até mesmo dos que não trocaram uma palavra sequer com o homem.

Toda a narrativa jornalística foi construída com base nos recursos da narrativa literária, a partir do uso de antecipações, retardações, onisciências e *flashbacks*. Também foi explorada a construção cena a cena dos acontecimentos ou *cena presentificada da ação*, conforme Lima (2004), por meio da minúcia de detalhes e reconstrução de cenas, ambientes, diálogos e fluxos de consciência.

Em nenhum momento, pretendeu-se seguir uma cronologia na narrativa. Evitamos fazer aquilo que Pierre Bordieu chama de “ilusão biográfica”, conforme apresenta Pena (2011), referindo-se ao relato coerente de uma sequência de acontecimentos, na ilusão de que toda a verdade seja revelada. Não é a sequência cronológica que garante ser toda a vida de um personagem narrada. A totalidade não existe e o biógrafo deve contentar-se com o possível de ser dito, como bem pontua Vilas Boas (2002). Investimos mais, embora fazendo as demarcações temporais quando precisas, no tempo psicológico das personagens, de modo que passado, presente e futuro se mesclassem num constante movimento de memórias e sensações (*flashbacks*). Cada capítulo se fragmentou e convergiu a partir do uso de três asteriscos, que permitiu o impacto das antecipações e a retomada de acontecimentos antes mencionados. Já para marcar a finalização de cada capítulo, utilizamos cinco asteriscos.

A fotografia é imprescindível numa produção que trate de vidas. Por isso, não abrimos mão de ilustrarmos *Lento Caminhar* com as imagens – todas legendadas - diversas dos diferentes momentos e épocas vivenciados por Edésio Santos. Contamos, para isso, com os acervos de amigos e parentes do perfilado e, com o intuito de não perder a qualidade da imagem, optamos por usar o papel couchê 115gr brilho. Já no que diz respeito à diagramação, priorizamos a marca do artista Edésio Santos: o violão.

Para que tudo isso fosse possível, inicialmente, fizemos a pesquisa documental. No arquivo legado pela professora Maria Franca Pires, encontramos uma entrevista do *Jornal Berro D'Água*, numa edição de 1988. A partir dela, descobrimos as primeiras informações sobre Edésio Santos, a exemplo da participação nos carnavais e festivais, apresentações ao lado de artistas como Jamelão, Nelson Gonçalves, Vicente Celestino, Elisabeth Santos, cantora da Rádio Nacional e Vanja Orico, que chegou a convidá-lo para acompanhá-la a

Moscou (URSS). Além disso, a entrevista informava sobre, entre outras questões, a amizade com João Gilberto e a afirmação de que ele não ajudou o músico a tocar violão. Explicou: “Nunca ensinei o João a tocar violão ou uma tonalidade sequer. A gente conversava, trocava ideia (...). João já nasceu sabendo”.

Também realizamos buscas nos veículos de comunicação da região, mas foram poucos os achados. No *Jornal Diário da Região*, uma matéria e uma crônica; na *TV São Francisco*, uma entrevista sobre os antigos carnavais. Todas foram imprescindíveis para a construção de cenários e personagens em evidência nas narrativas. Partimos, então, para as fontes orais. No total, foram 38 pessoas entrevistadas, em entrevistas presenciais, por e-mail, por meio das redes sociais e por telefone.

A primeira entrevista foi realizada no dia 15 de setembro de 2012, com a professora da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Odomaria Rosa Bandeira, que também participou dos festivais da Associação dos Universitários de Juazeiro (AUJ), sendo concorrente de Edésio Santos. A historiadora Maria Isabel Figueiredo Pontes (Bebela) foi outra fonte, essencial para a narração da infância e adolescência de Edésio e João, assim como para a descrição do sistema de alto-falantes na cidade. Layse de Luna Brito foi a responsável pela possibilidade de reconstituição do último festival *Sanfranciscano da Canção*, organizado pela AUJ, e pelo processo de criação da música *Desencanto*, por meio da qual Edésio conquistou o primeiro lugar nesse festival.

O artista plástico Antonio Carlos Coelho de Assis (Coelhão), os músicos Maurício Dias (Mauriçola), Julio Ramos (Julhão), Dalmo Funchal, Adilson Medeiros – esses dois últimos entrevistados por intermédio das redes sociais -, Nilton Freitas, Paulo Roberto Horas (Paulinho), Jorge Alberto Alves, Edésio Espedito Santos, Fernando Coelho, o parceiro de Edésio Santos no *Cabaré das Ilusões*, Fernando Rêgo e o taxista José Genival da Silva contribuíram com a revelação de um Edésio Santos conselheiro e incansável contador de histórias, a partir das informações sobre a participação do músico em festivais e no convívio socioartístico. Já os relatos sobre Edésio e as estrelas do Rádio, como também as viagens na Kombi de Waldick Soriano ficaram por conta do músico Jaime da Seresta.

O *Festival da Canção Sanfranciscana*, homenagem a Edésio Santos, foi reportado a partir da idealizadora Maria Auxiliadora Pereira (Dorinha). Esmelinda Pergentino Nunes, por sua vez, informou sobre o existente *Festival Edésio Santos da Canção*, já que foi coordenadora da produção do CD que gravou quatro das músicas que Edésio sonhava perenizar. O médico e músico Rogério Leal também contribuiu com as suas lembranças.

Sobre o Edésio jogador e treinador de futebol, contribuíram os ex-jogadores Bosco e José Rodrigues de Souza (Zé Baga), assim como os comentaristas esportivos Herbert Mouze e Augusto Moraes. Para a construção do Edésio desenhista arquitetônico, foram imprescindíveis as memórias dos funcionários públicos Rildo Rodrigues Dias, Célia Beatriz, Adelaide Freire e Vilma Maria dos Santos. A vizinha Maria Lúcia Matogrosso (Lucinha) enriqueceu-nos com os comentários do aspecto da casa hoje derrocada e dos hábitos da família Santos. A visão dos jornalistas José Sebastião Menezes (Jota Menezes) e Emanuel Andrade, como também do radialista Joselino de Oliveira também contribuiu para traçar o perfil de Edésio Santos e narrar as suas histórias canções.

Praticamente, todos os entrevistados supracitados indicaram a jornalista Sibelle Fonseca como fonte primordial. Ela conviveu com o músico por muitos anos, sendo companheira de cantorias e amiga confidente. Sem as suas memórias, a histórias vivenciadas por Edésio Santos não teriam sido traçadas. Todavia, a entrevista fulcral do trabalho foi realizada no dia 18 de dezembro, por meio de uma ligação telefônica com duração de trinta e um minutos. João Gilberto, depois de inúmeras ligações, atendera o telefone e, mesmo com o jeito vagaroso, delicado e monossilábico de falar, confirmou a amizade e os encontros com Edésio Santos, afirmando que ele era um “boa praça”. Ele ainda concedeu outra entrevista, com duração de três horas. Entre as considerações traçadas por João, exploradas no livro, está: “Já pensou, se ele pudesse aparecer para nos contar tudo? Eu acho que ele está por aqui! É porque ele é calado mesmo, fica do canto observando!” (SANTOS; SILVA, 2013, p. 74).

Muitas foram as dificuldades para localizar os entrevistados e marcar os encontros. Ocorreram furos e muitas (re)marcações. Todavia, o maior problema enfrentado foi a recusa e o silêncio dos familiares de Edésio Santos. Os únicos parentes entrevistados foram um primo, de 90 anos, chamado José Luiz dos Santos e o primogênito do músico, Edson dos Santos (Edinho). Porém, ele não aceitou falar. A condição foi responder perguntas escritas. As dúvidas resultantes das respostas de Edson foram tiradas por meio da sua esposa, Almerinda, via telefone, já que ele não queria falar a respeito. A sua contribuição maior foi com a retirada de dúvidas e o empréstimo de fotografias. Mais dois filhos foram localizados, Edmário e Edjane, porém, fugiram de qualquer possibilidade de encontro. Deram o silêncio.

## **6 CONSIDERAÇÕES**

No decorrer do percurso, deparamo-nos com inumeráveis percalços que, muitas vezes, pensamos serem indestrutíveis. O silêncio da família de Edésio, diante de nossas constantes tentativas, assim como a decisão tardia do filho mais velho de falar conosco, causou uma lacuna em nossa obra. Todavia, firmes nesse desafio de escrever sobre um homem que não conhecíamos - pessoalmente, apenas -, acrescidos da ausência de uma visão dos familiares, acreditamos que o livro, por isso mesmo, atingiu um grau único de intimidade com o personagem principal.

Edésio Santos mostrou-se mais que um violonista de acordes diferenciados e fascinantes, apresentando-se como um artista que muito contribuiu no cenário cultural da Juazeiro do século passado. Ele nunca deixou a cidade que adotara para investir, alhures, numa carreira promissora. Foi nela que fez questão de inovar com o primeiro trio elétrico e com um bloco carnavalesco que levava a ilusão mais verdadeira de um carnaval sem cordas, com marchinhas e fantasias aos juazeirenses, além de ter sido um exíguo incentivador dos festivais de música da cidade. Nada mais digno, portanto, que um livro-reportagem perfil para perenizar as suas tantas histórias e canções.

*Lento Caminhar*, além de tudo, é exclusivo na abordagem de histórias peculiares à vida de João Gilberto em sua terra natal. Ele abre caminho para que outras “histórias e canções” de Edésio Santos e de João sejam narradas, muito além dos muros da academia. Antes, porém, ele representa a possibilidade de um jornalismo literário e, tão só por ser o nosso primeiro livro-reportagem, já adquire relevância suficiente em nossa formação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?**. Universidade Federal de Santa Catarina. Set/1997
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- SANTOS, Edésio César Vieira; SILVA, Edilane Ferreira da. **Lento Caminhar – Histórias e Canções de Edésio Santos**. Juazeiro: Bandeirantes, 2013.
- VILAS BOAS, Sergio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Biografia e biógrafos: jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.